

2.º Caderno

Pela primeira vez na história da nossa participação na Bienal de Veneza, estamos nos preparando com uma certa antecipação — as artistas escolhidas foram anunciadas com cinco meses de antecedência, o que já é um progresso considerável em relação ao que já é um tempo ideal para preparação — e uma certa dignidade; o pavilhão do Brasil vai ter concluído sua obra definitiva, o que finalmente estaremos com um pavilhão próprio, em tempo oportuno. Essas duas conquistas primordiais que sempre louvamos, porém que muito tempo trabalhamos para atingir, em termos ideais, todas as condições necessárias para chegarmos à Sereia, a cidade dos Doges em condições de grande vitória. Inclusive na produção da nossa pintura e escultura, já que é legião do branco-creno sem uma restrição se pode fazer.

Uma comissão constituída por Pietro Maria Bardi, Cláudio do Prado Valladares e Vasco Mariz decidiu que três artistas de vanguarda participariam da delegação, dispensando prêmios: o gravador Arthur Lúiz Piza, o escultor Sérgio de Camargo e o desenhista Wesley Duke Lee. Três excelentes nomes, já laureados e conhecidos no exterior, mais do que no seu próprio país, como é de praxe — e, no caso do gravador, o prêmio já fora concedido em 1962. O diretor do Itinerário está fora do país. Essa tarefa cabe ao diretor do pavilhão brasileiro, o arquiteto José Antônio da Silva, Agostinho de Freitas, Francisco Domingos da Silva, e Agnaldo Manoel dos Santos (o escultor já morto).

É a primeira vez que estamos em Veneza, a primeira vez que estamos em contato com a Bienal de Veneza, destinado a grandes pintores e escultores, de real expressão e de profunda consciência social, explicitamente ou não, que se preocupam com o homem e com o mundo, com a humanidade, com o futuro, com o destino, com a vida, com a morte, com a existência, com a diferença, com o que é humano, com o que é brasileiro, com o que é brasileiro e com o que é brasileiro. E embora o nosso pavilhão seja muito pequeno, ele será um pavilhão brasileiro, com o seu próprio caráter, com o seu próprio espírito, com o seu próprio prazer e, com estes certos, tal satisfação de todos os seus leitores.

# O Brasil na XXXIII Bienal de Veneza

## ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURICIO



O escultor Sérgio de Camargo acha-se cedo demais em Veneza, mas em carta recente informa que aceitará participar, desde que seja com um número elevado de peças, umas vinte, por exemplo.



O desenhista e pintor Wesley Duke Lee, premiado na Bienal de Tóquio, vai ter a sua vez em Veneza, já que na Bienal de São Paulo as coisas não foram muito correntes para o artista (Santo de Casa...). A peça do clichê é de abril de 1964 e chama-se Primeiro de Abril. Atualmente o pintor está noutra fase.

A gravura de Piza, mais conhecida na Europa do que no Brasil, será um trunfo seguro para o Brasil na Bienal de Veneza.

Meu caro Jayme Maurício,

Tentarei responder à série de indagações que V. faz sobre o critério adotado para a Comissão de Seleção Brasileira à próxima Bienal de Veneza.

Você pergunta se os membros da comissão consideram o espaço disponível para a arquitetura e outras características do Pavilhão Brasileiro com relação ao número de exposições e à qualidade da obra.

É certo que a representação brasileira foi limitada a um número menor de artistas em favor de um maior número de obras, de cada. O pavilhão brasileiro da Bienal de Veneza, inaugurado em 1964, da autoria de Henrique E. Mindlin e já divulgado e conhecido em data oportuna pelo "Itinerário das Artes Plásticas", é um pequeno pavilhão, dividido em dois corpos com cerca de vinte e quatro metros de superfície para circulação e para exposição de escultura, e ainda mais limitada para o distanciamento na observação da pintura.

A experiência passada na XXXIII Bienal de Veneza, na data de inauguração do Pavilhão Brasileiro, conforme vou mesmo falar testemunha, evidenciam a desvantagem de uma representação numérica reduzida em conjunto heterogêneo, contraditório e desorientado quanto às datas e ao espírito de cada obra. A arquitetura de nosso pavilhão segue conjuntos mais homogêneos, mais próximos em relação à atitude estética dos autores.

Agora procurarei responder outras de suas indagações a fim de explicar como esse primeiro critério coincidiu com os demais na escolha.

Você pergunta que razões orientaram os membros da Comissão (Vasco Mariz, Pietro Maria Bardi e eu) em indicar o gravador Arthur Lúiz Piza, o escultor Sérgio de Camargo e o pintor e desenhista Wesley Duke Lee como os artistas brasileiros concorrentes da XXXIII Bienal de Veneza. Antes de se determinar a escolha, a comissão selecionou mais de cinquenta nomes de artistas brasileiros. Admitiu-se a graduação, a coação, e um a quatro pontos para cada artista, identificando o esquema de cinco: I — Conceito crítico (originalidade, qualidade, valor, coerência temática e sentimento de contemporaneidade); II — Currículo crítico (interacional, premiação no estrangeiro, texto crítico, mérito, obras em museus e coleções estrangeiras); III — Mercado (internacional e nacional); IV — Currículo profissional (exposições, no País e no estrangeiro, experiências, premiações no País, procedência, formação); V — Atualidade (obra concebida, identificada ou expressa da data em que é produzida, de vanguarda, política, militante).

A primeira seleção de cerca de cinquenta nomes, após filtragem nesses critérios, ficou reduzida a vinte e seis, equivalentes em mais de dez pontos.

O índice de vinte pontos (quatro para cada atributo) não foi atingido. Consideramos o mínimo de dez pontos para uma obra de menor risco e zero ponto se três indicados atingiram.

Esta circunstância não significa uma avaliação de maior ou menor valor do artista, mesmo porque não

houve interesse consagratório. É mais um trabalho de análise, minudente e curativo, que serve somente para situar artistas de possibilidades para uma competição internacional. Alguns poderão dizer que este nosso trabalho é um excesso de burocracia, de convencionalismo, etc., mas ninguém poderá negar que sob esse método se consegue evitar a razão alévia das indicações, o comprometimento dos críticos aos grupos, e outros fatores que inferiorizam as representações. Devo reconhecer certas falhas e impossibilidades para um empreendimento perfeito. Certas casualidades, como o fato do artista já ter integrado representações brasileiras à mesma bienal, até três vezes, constituem em razão negativa. Entretanto, considerando que nas vezes anteriores o Brasil não tinha pavilhão próprio e o número de artistas costumava ser exagerado, heterogêneo e diversificado, levando-se em muitos casos apenas três peças de um artista competente, será justo se invalidar o preconceito que habitualmente se faz contra o expositor de oportunidades passadas. Intencionalmente, outros novos valores surgem, mais representativos da atualidade, e tendem a ocupar as futuras oportunidades.

Na ocasião que procedemos, Sérgio Camargo, Wesley Duke Lee e Arthur Lúiz Piza se equivaleram quanto ao conceito crítico, currículo internacional e atualidade embora sejam autores de linguagem estética diferente. Por esta razão é que eles formam um conjunto mais lógico, mais coerente, pois estão unidos em valores comuns. Sendo somente três para a sala maior, dá-se a cada um deles mais espaço para maior número de obras. Sérgio Camargo, por exemplo, poderá enviar vinte peças entre as de dentro e as de parede.

Vale mencionar que toda a crítica militante aplaudiu esta escolha.

O que resta esclarecer é sobre o equívoco que se fez quanto à sala menor, separada, de cerca de vinte e quatro metros de eixos, que reservamos para exposição de artistas geníneos. Jamais indicáramos artistas primitivistas, por serem pitorescos, graciosos, ou quanto muito curiosos para a responsabilidade de uma

biênal internacional de caráter competitivo e turístico. Indicamos um conjunto de quatro artistas autodidatas, genuínos, fundamentalmente implicados à cultura brasileira. Todos são profissionais, possuem reconhecido e inquestionável estilo individual e todos eles já mereceram invejável texto crítico internacional e local. O escultor Agnaldo Manoel dos Santos (falecido) e os pintores José Antônio da Silva, Agostinho de Freitas e Francisco Domingos da Silva são autores de obra consistente, de mais elevado interesse de estudo.

A diferença que faço entre eles, verdadeiros primitivos que evoluem e amadurecem através de linguagem estilística própria, e se situam no nível do mais elevado interesse de observação e análise, daqueles outros que pretiro chamar primitivistas, está somente no atributo de autenticidade que falta aos últimos.

Bardi ficou encarregado de selecionar obras de José Antônio da Silva (paisagem humana rural brasileira) e de Agostinho de Freitas (paisagem urbano) e eu me incumbi de selecionar as de Agnaldo Manoel dos Santos (escultura do sincretismo africano-católico) e de Francisco Domingos da Silva (temática de fabulação amazônica, arte do fantástico). Por princípio, os geníneos não são competidores às premiações.

Eles se encarregam de mostrar uma bienal internacional de enorme interesse a manifestação artística que se processa ao nível de nossa cultura-bébe. Certamente não terão o apoio dos que pensam ser a Bienal de Veneza uma oportunidade exclusiva do cartão dos sofisticados. Nunca o primitivo autêntico, o genuíno, compromete o seu povo. Não houve rebaixamento da Pólis por causa de Marie Antoinette ou de Nikitor, excecíveis primitivos daquele país.

Nossos geníneos não estão roubando o espaço, ou o assento, dos que imaginam ter cadeiras-calvas na Bienal de Veneza. Ao contrário, talvez eles estejam levando para a amplitude de uma universalidade, valores comparáveis a aqueles das entalhas da Polinésia que na Feira Internacional de Paris, do meado do século

Em exposição  
Arte popular Mexicana  
GALERIA BONINO  
RUA BARATA RIBEIRO, 578 — Tel.: 36-7534

Geld  
Exposição de desenhos de  
Francisco Domingos da Silva  
(organizada por Heloisa Jacobina)  
Inauguração dia 13 às 21hs

OFERTA DE NATAL  
ESTOJO DE PINTURA  
CASA MINERVA  
7 de Setembro, 57 - tel. 52-5400

ARTEFACT  
Molduras  
Rua Frei Caneca, 309/11 — Tel.: 52-1250

Holzäpfel  
classe internacional em móveis para escritório  
S. PAULO: Praça Roosevelt, 155. Tel.: 34-6445 e 34-4124  
RIO: Rua do México, 21-A — Tel.: 20-010 e 20-0111

culo passado, encarnaram Van Gogh, ou três africanos que através de Picasso, Braque e tantos outros retornaram às artes ocidentais.

Não pretendo parecer exagerado. Num dos artigos escritos no estrangeiro sobre F. D. da Silva (Cartões d'Art 1952) traz o seguinte título: Um índio brasileiro reinventa a Pintura. E outra não é a função dos geníneos originais de surgir a arte plástica nas escalas superiores, eruditas.

Está claro que não será por sua simples imitação, o amanciamento como fazem os primitivistas, ingênuos, etc., mas pela reavaliação de seus valores plásticos em termos de nova composição, como fazia Paul Klee.

Minha última resposta às suas perguntas, caro Jayme, é a afirmação de que a Comissão Brasileira não pretende parecer exagerado. Num dos artigos escritos no estrangeiro sobre F. D. da Silva (Cartões d'Art 1952) traz o seguinte título: Um índio brasileiro reinventa a Pintura. E outra não é a função dos geníneos originais de surgir a arte plástica nas escalas superiores, eruditas.

Está claro que não será por sua simples imitação, o amanciamento como fazem os primitivistas, ingênuos, etc., mas pela reavaliação de seus valores plásticos em termos de nova composição, como fazia Paul Klee.

Minha última resposta às suas perguntas, caro Jayme, é a afirmação de que a Comissão Brasileira não pretende parecer exagerado. Num dos artigos escritos no estrangeiro sobre F. D. da Silva (Cartões d'Art 1952) traz o seguinte título: Um índio brasileiro reinventa a Pintura. E outra não é a função dos geníneos originais de surgir a arte plástica nas escalas superiores, eruditas.

Está claro que não será por sua simples imitação, o amanciamento como fazem os primitivistas, ingênuos, etc., mas pela reavaliação de seus valores plásticos em termos de nova composição, como fazia Paul Klee.

Minha última resposta às suas perguntas, caro Jayme, é a afirmação de que a Comissão Brasileira não pretende parecer exagerado. Num dos artigos escritos no estrangeiro sobre F. D. da Silva (Cartões d'Art 1952) traz o seguinte título: Um índio brasileiro reinventa a Pintura. E outra não é a função dos geníneos originais de surgir a arte plástica nas escalas superiores, eruditas.

Está claro que não será por sua simples imitação, o amanciamento como fazem os primitivistas, ingênuos, etc., mas pela reavaliação de seus valores plásticos em termos de nova composição, como fazia Paul Klee.

Minha última resposta às suas perguntas, caro Jayme, é a afirmação de que a Comissão Brasileira não pretende parecer exagerado. Num dos artigos escritos no estrangeiro sobre F. D. da Silva (Cartões d'Art 1952) traz o seguinte título: Um índio brasileiro reinventa a Pintura. E outra não é a função dos geníneos originais de surgir a arte plástica nas escalas superiores, eruditas.

Está claro que não será por sua simples imitação, o amanciamento como fazem os primitivistas, ingênuos, etc., mas pela reavaliação de seus valores plásticos em termos de nova composição, como fazia Paul Klee.

Minha última resposta às suas perguntas, caro Jayme, é a afirmação de que a Comissão Brasileira não pretende parecer exagerado. Num dos artigos escritos no estrangeiro sobre F. D. da Silva (Cartões d'Art 1952) traz o seguinte título: Um índio brasileiro reinventa a Pintura. E outra não é a função dos geníneos originais de surgir a arte plástica nas escalas superiores, eruditas.

Está claro que não será por sua simples imitação, o amanciamento como fazem os primitivistas, ingênuos, etc., mas pela reavaliação de seus valores plásticos em termos de nova composição, como fazia Paul Klee.

Minha última resposta às suas perguntas, caro Jayme, é a afirmação de que a Comissão Brasileira não pretende parecer exagerado. Num dos artigos escritos no estrangeiro sobre F. D. da Silva (Cartões d'Art 1952) traz o seguinte título: Um índio brasileiro reinventa a Pintura. E outra não é a função dos geníneos originais de surgir a arte plástica nas escalas superiores, eruditas.

Desde 1955, criando e executando o melhor brasileiro de prestígio internacional.  
RIO: RUA JANGADEIROS, 14 - C  
SAO PAULO: RUA AUGUSTA, 1058